

## HÁ FALTA DE “PÃO” NO PÚLPITO DAS IGREJAS

---

*“Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra; não fome de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. E irão errantes de um mar até outro mar, e do norte até ao oriente; correrão por toda a parte, buscando a palavra do Senhor, mas não a acharão.” (Amós 8:11-12)*



No texto acima, o Senhor usa o profeta Amós para proferir juízo, contra a nação de Israel, por causa da apatia espiritual do povo que não tinha apetite para a Palavra de Deus quando profetas como Amós a transmitiam. Por causa de sua apatia, Deus disse que eliminaria até a oportunidade de ouvirem Sua mensagem.

Fome e seca eram dois dos castigos que Deus tinha usado contra Israel (cf. Amós 4:6-8). Agora, Amós fala sobre um novo tipo de fome – a falta da Palavra de Deus.

Quando analisamos o texto bíblico acima, à luz dos nossos dias, vemos que a nossa situação é semelhante – para não dizermos que é pior.

Por conta da rebeldia das pessoas em não se voltarem para Deus e por causa dos seus corações endurecidos diante das “Boas Novas” de Jesus, o que presenciamos hoje é uma geração de pessoas que se dizem cristãs, mas que possuem corações cauterizados pelo engano e pela mentira que domina o mundo onde vivemos.

Hoje o ser humano enfrenta uma fome espiritual generalizada. Nunca houve, como em nossos dias, pessoas sofrendo com angústias e crises existenciais. As famílias tornam-se cada dia mais desestruturadas. As pessoas diante das chamadas “crises do ser”, não sabem o que fazer. E no auge do seu desespero voltam os olhos para a Igreja – esperando ouvir dela uma mensagem de esperança e alento.

Mas, ao invés de ouvirem palavras de refrigério e consolo para o seu coração ferido, o indivíduo que adentra a uma igreja evangélica, corre o risco de sair de lá pior do que entrou. Isso por conta do grande número de pessoas despreparadas para assumir um lugar tão importante como o púlpito. São pessoas que assumem o púlpito sem a menor noção de que, quem ali está, deve ser um canal, um porta-voz do Deus vivo, para ministrar as Sagradas Escrituras de forma viva e eficaz!

Infelizmente hoje, nas igrejas, a pregação da Palavra deixou de ser **expositiva**, para ser **discursiva**: deixamos de pregar “**a** Palavra” e passamos a pregar “**da** Palavra”, isto é, falamos **da** Bíblia e não **na**

Bíblia. O simples fato de o pregador usar a Bíblia no momento da pregação, não torna o seu sermão bíblico.

Há muitos pregadores que produzem sermões enfadonhos. Eles sobem ao púlpito, com a pretensa intenção de pregar a Palavra de Deus, mas usam a Bíblia simplesmente para citar um versículo que servirá como desculpa para eles estarem ali. Depois fecham a Bíblia e o que vemos é um festival de incoerências, afirmações absurdas e fantasiosas, uma total falta de zelo e amor para com a Palavra de Deus e com os inocentes ouvintes que estão ali, na esperança de ouvir algo que venha da parte de Deus. A estes, cabem apenas seguirem a recomendação de Jesus: “...*rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara.*” (Lucas 10:2b)

Nos dias atuais, a igreja evangélica brasileira tem sido vítima de pregações sem sentido, sem vida, sem graça. Os púlpitos têm sido ocupados por obreiros fracos – ainda que alguns estejam bem intencionados. Como consequência, temos púlpitos “pobres”, que acaba gerando uma igreja “pobre” do conhecimento e da graça de Deus.

Quantas vezes, quando chega o momento do sermão, conseguimos presentir a tragédia que irá ocorrer, assim que o orador começa a falar. Ao invés de ouvirmos um sermão bíblico, muitas vezes somos obrigados a assistir a shows pirotécnicos por parte do pregador, sem mencionar as piadas que não possuem ligação alguma com o objetivo do sermão ministrado.

O mais espantoso é que, aparentemente, a igreja parece não conseguir discernir um sermão expositivo com embasamento bíblico, de um discurso vazio, alicerçado tão somente por uma boa oratória. Para a maioria dos cristãos, tudo pode ser considerado como sendo “Palavra de Deus”, desde que possua uma boa verbosidade.

Segundo Albert N. Martin, em seu livro ‘O que há de errado com a pregação de hoje?’, “muito da pregação contemporânea é defeituosa porque *falta-lhe uma sólida substância doutrinária*. Estamos sofrendo de uma atitude mental que considera a doutrina e a teologia como uma variante do terror supersticioso da era medieval!”. Ele ainda acrescenta que, “o fracasso na pregação da atualidade depende basicamente, da falha do *homem* que prega ou da *mensagem* apresentada por ele. Não ousamos separar esse duplo fator – o indivíduo e a sua mensagem – porquanto há uma íntima fusão entre o homem e a sua mensagem na obra da pregação”.

Portanto, a pobreza da pregação em nossos dias, advém da falha do mensageiro no momento em que transmite a mensagem, ou da apatia e da falta de interesse por parte dos receptores da mesma mensagem. Nunca da Palavra de Deus, quer é pura, perfeita e imutável. Os pregadores estão deixando de ser “oráculos” de Deus para serem considerados apenas como sendo “profissionais do púlpito”.

O que se deve fazer diante dessa situação vexatória? As igrejas devem ser mais criteriosas no que tange dar espaço para que alguém suba ao púlpito para ministrar a Palavra. Esse imenso privilégio

deve ser concedido apenas àqueles que foram verdadeiramente chamados por Deus para desempenhar essa função. Não se deve misturar amizade ou favorecimento político com o ministério profético. O púlpito nunca deve ser usado para se obter favores pessoais ou barganhar amizades com interesses secundários.

Já os que se aventuram na arte da pregação, devem questionar se realmente são chamados por Deus para tal finalidade. Como disse certa vez, Richard Glover, *“ninguém se torna ministro cristão se não foi ordenado pela imposição de mãos invisíveis”*.

Muitos confundem **vocação** com **volição**. O simples fato de alguém desejar ministrar a Palavra, diante de um auditório repleto de pessoas, não é suficiente para que tal pessoa possa fazê-lo. É preciso de uma capacitação especial que só é outorgada por Deus e não pode ser aprendida em livros. É uma prerrogativa da vontade Divina e não humana.

Para aqueles que são realmente vocacionados, esse diferencial – que chamamos de vocação – está intrínseco na vida do ministro, faz parte de quem ele é. É como Martyn Lloyd-Jones afirmou certa vez: *“O homem só deve entrar no ministério cristão se não conseguir ficar fora dele.”*. E sobre esse mesmo tema, A. W. Tozer disse: *“Não consigo lembrar-me, em todas as minhas leituras, de um único profeta que se candidatasse a seu trabalho.”*

Que nós possamos valorizar as mensagens que são pregadas através do púlpito das nossas igrejas. E que ao mesmo tempo possamos reivindicar, que as pessoas que ali se posicionarem, sejam realmente vocacionadas e estejam à altura da função que deve ser desempenhada naquele lugar. Que os pregadores possam voltar a ministrar o verdadeiro “pão espiritual” aos corações famintos pela exposição pura e simples da Palavra de Deus.

E, finalmente, que os pastores voltem a pastorear o rebanho de Deus, não com apelos emocionais ou comportamentos muitas vezes irracionais, mas com ciência e inteligência, pois essa é a vontade de Deus:

*“E vos darei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com **ciência** e com **inteligência**.”*  
(Jeremias 3:15)